

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 01 de junho de 2020 às 07h33
Seleção de Notícias

Terra - Notícias | BR

Patentes

Brasil entra em grupo da OMS para acesso a inovações contra covid-19	3
---	----------

IstoÉ Online | BR

Propriedade Intelectual

Indústria farmacêutica acredita em vacina contra coronavírus ainda em 2020	4
---	----------

AFP

Estado de Minas - Online | MG

Propriedade Intelectual

O dito e o não dito no anúncio de Trump de 'rompimento' entre EUA e OMS	6
--	----------

Brasil entra em grupo da OMS para acesso a inovações contra covid-19

A Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou nesta sexta-feira, 29, o Grupo de Acesso à Tecnologia da covid-19 (**C-TAP**, na sigla em inglês), uma base de dados global e voluntária para reunir informações que ajudem no desenvolvimento de vacinas, testes, medicamentos e outras inovações no combate ao novo coronavírus. A nova plataforma surge como irmã do Acelerador de Acesso às Ferramentas da covid-19 (ACT), que também visa à cooperação internacional contra a disseminação do vírus.

Em crise com a entidade, os Estados Unidos não fazem parte do grupo de nações que endossou o acordo. A iniciativa partiu de uma sugestão do presidente da Costa Rica, Carlos Alvarado, e conta com o apoio de outros 36 países, incluindo o Brasil, e de instituições internacionais.

"O acesso a tecnologias para saúde é uma prioridade do Brasil, especialmente no contexto dessa pandemia. No caso da covid-19, o acesso universal a inovações que salvem vidas é a única forma de garantir que todos os lugares estejam a salvo e voltem à normalidade", disse Maria Nazareth Farani Azevêdo, embaixadora brasileira na Organização das Nações Unidas (ONU).

"O Grupo de Acesso à Tecnologia da covid-19 vai garantir que as melhores e mais recentes descobertas científicas beneficiem toda a humanidade. Vacinas, testes, diagnósticos, tratamentos e outras peças-chave na resposta ao coronavírus devem ter disponibilidade universal como bens públicos globais", afirmou Alvarado, criador do projeto.

Diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus destacou o caráter igualitário da iniciativa. "A colaboração e a solidariedade global são essenciais para superar a covid-19. Baseado em ciência de ponta e na colaboração aberta, essa plataforma de troca de informações vai ajudar a promover um acesso igualitário a tecnologias que salvam vidas ao redor do mundo".

A plataforma se baseia em cinco elementos essenciais:

Divulgação de sequências genéticas e de dados; Transparência na publicação de todos os resultados de ensaios clínicos; Inclusão de cláusulas, em acordos de financiamentos com companhias farmacêuticas, sobre distribuição igualitária, acessibilidade e publicação de dados de ensaios clínicos ; Licenciamento de qualquer potencial tratamento, teste diagnóstico, vacina ou outras tecnologias para saúde no Grupo de **Patentes** de Medicamentos -- um órgão de saúde pública apoiado pela ONU que funciona para melhorar o acesso e facilitar o desenvolvimento de medicamentos que salvam vidas para países de baixa e média renda; Promoção de modelos de inovação aberta e de transferência de tecnologia que aumentam a capacidade local de fabricação e fornecimento. : De andador, veterano de guerra de 99 anos arrecada milhões para saúde pública britânica assistir De andador, veterano de guerra de 99 anos arrecada milhões para saúde pública britânica

Indústria farmacêutica acredita em vacina contra coronavírus ainda em 2020



Indústria farmacêutica acredita em vacina contra coronavírus ainda em 2020

Uma vacina contra o novo coronavírus é possível ainda em 2020? Os executivos da indústria farmacêutica são otimistas, mas alertam que os desafios serão colossais para produzir e distribuir bilhões de doses necessárias.

Mais de 100 laboratórios de todo mundo lutam contra o tempo para produzir uma, ou várias, vacinas contra o novo coronavírus. Destes, dez alcançaram a fase de testes em humanos até o momento.

"A esperança de muitas pessoas é que consigamos uma vacina, talvez várias, até o fim do ano", disse o diretor-geral da AstraZeneca, Pascal Soriot, em uma entrevista coletiva virtual na quinta-feira (29).

A empresa britânica está associada à Universidade de Oxford para a produção e a distribuição da próxima vacina no mundo todo.

Albert Bourla, diretor da Pfizer, que organiza testes clínicos com a empresa alemã Biontech, também acredita em que será possível obter uma vacina antes de 2021.

"Se tudo correr bem, e os astros se alinharem, te-

remos testes suficientes de segurança e eficácia para poder ter uma vacina até o fim de outubro", declarou.

Vários anos são necessários para colocar uma vacina no mercado, mas, diante da pandemia de COVID-19, as vacinas experimentais consideradas seguras e eficazes poderão ser lançadas em prazos recordes.

A Federação Internacional da Indústria de Medicamentos (IFPMA) adverte, no entanto, que a produção e a distribuição de vacinas enfrentam desafios "gigantescos".

Um deles, paradoxalmente, é que os índices de transmissão do vírus registrem uma queda rápida na Europa, onde acontecem vários testes médicos.

Estes índices serão muito frágeis para constatar seus efeitos em um meio natural, preocupa-se Soriot, ao destacar que os estudos, nos quais os voluntários se expõem intencionalmente ao vírus para medir a eficácia de uma vacina, não são eticamente aceitáveis no caso da COVID-19.

"Não temos muito tempo", constata.

O novo coronavírus provocou mais de 360.000 mortes e contaminou pelo menos 5,8 milhões de pessoas no mundo desde seu surgimento na China, no fim de dezembro passado.

O mundo vai precisar de duas doses de vacina por pessoa, ou seja, 15 bilhões, de acordo com algumas estimativas, um verdadeiro quebra-cabeças logístico, recorda o diretor da IFPMA, Thomas Cueni.

A indústria farmacêutica se comprometeu a garantir uma distribuição equitativa das vacinas validadas, mas "não teremos as quantidades necessárias no primeiro dia, mesmo trabalhando de maneira extra", admite Cueni.

Continuação: Indústria farmacêutica acredita em vacina contra coronavírus ainda em 2020

Quando a vacina estiver disponível, terá de ser colocada em pequenos frascos de vidro.

"Mas não existem frascos suficientes no mundo", constata Soriot.

A AstraZeneca e outros grupos estudam a possibilidade de armazenar várias doses por recipiente.

- Proteger a propriedade intelectual -

Paul Stoffels, número dois e diretor científico da Johnson & Johnson, afirma que, caso 15 bilhões de doses sejam necessárias, várias vacinas devem ser autorizadas para suprir a demanda inicial.

"Todas as vacinas podem não ser adequadas para todos, com base em suas características", destacou.

Em particular, porque algumas vacinas precisam ser armazenadas com temperaturas muito reduzidas, o que não é possível em todas as regiões.

Embora reconheçam o imperativo de uma distribuição universal da vacina, os executivos da indústria farmacêutica são unânimes em defender a **propriedade** intelectual sobre suas inovações.

"É absolutamente fundamental em nosso setor", ressalta a presidente da GSK, Emma Walmsley.

Os laboratórios investem bilhões, sem a certeza de recuperar o dinheiro, alega Soriot.

"Se a propriedade intelectual não for protegida, ninguém terá interesse em inovar", concluiu.

O dito e o não dito no anúncio de Trump de 'rompimento' entre EUA e OMS



'A partir de hoje encerraremos nossa relação com a Organização Mundial da Saúde', anunciou Trump nessa sexta-feira (29), em plena pandemia de coronavírus (foto: REUTERS/Jonathan Ernst)



Sede da OMS em Genebra, Suíça; Trump acusou a organização internacional de ser 'totalmente controlada' pela China (foto: FABRICE COFFRINI/AFP via Getty Images)

Em um breve discurso feito na tarde desta sexta-feira (29/05) na Casa Branca, o presidente americano, Donald Trump, anunciou o "término da relação" do país com a Organização Mundial da Saúde (OMS) em plena pandemia de coronavírus. "A partir de hoje encerraremos nossa relação com a Organização Mundial da Saúde e redirecionaremos estas verbas para outras necessidades globais, urgentes e merecedoras na saúde", afirmou o republicano, sem detalhar como tal rompimento seria feito. No discurso, o presidente acusou a organização internacional de não ter independência em relação à China. Sua fala de dez minutos foi repleta de ataques ao país asiático, não só em relação à saúde (confira abaixo). Trump disse que "a omissão da China sobre o vírus de Wuhan" espalhou a covid-19 para o resto do mundo. "Autoridades chinesas ignoraram suas obrigações de relatar (casos) à OMS e pressionaram a organização a desviar (o foco do) mundo quando o vírus foi descoberto pela primeira vez." "O mundo está sofrendo hoje por consequência da má conduta do governo chinês", disse, defendendo que o país asiático "instigou uma pandemia global que custou mais de 100.000 vidas americanas" e "profundas dificuldades econômicas" em todo o mundo.

Os EUA são hoje o país com o maior número de mortes (102.709, segundo dados coletados pela universidade Johns Hopkins) e casos de coronavírus (1.744.258) em todo o mundo. Representantes da China por sua vez acusaram os EUA de serem responsáveis pela propagação do vírus em seu próprio território, atribuindo o surto aos "políticos que mentem".

Washington vs OMS: capítulos anteriores As críticas de Trump à OMS começaram no mês passado, quando o presidente ameaçou retirar definitivamente o financiamento dos EUA ao órgão caso ele não se comprometesse "com grandes melhorias substanciais nos próximos 30 dias", como disse em uma carta em termos duros enviada à direção da OMS em

Continuação: O dito e o não dito no anúncio de Trump de 'rompimento' entre EUA e OMS



Aeroporto em Wuhan; nos dez minutos de sua fala na Casa Branca nesta sexta-feira (29), Trump criticou a China não só na condução do surto de coronavírus, mas também em questões econômicas (foto: HECTOR RETAMAL/AFP via Getty Images)

18 de maio. Em abril, o presidente americano já havia anunciado também a suspensão temporária de sua contribuição financeira à OMS, a maior participação de um único país ao orçamento da organização. Todos os países-membros da ONU são obrigados a contribuir com o orçamento da OMS.

Essa contribuição é proporcional à sua riqueza e à sua população. Mas, além das contribuições obrigatórias, é comum que países como EUA e China façam também outros repasses voluntários. "A China tem total controle sobre a OMS, apesar de pagar apenas US\$ 40 milhões por ano comparado ao que os EUA tem pagado, que é aproximadamente US\$ 450 milhões por ano", acusou Trump nesta sexta-feira. O Departamento de Estado dos EUA enviou à imprensa, após o anúncio de Trump, uma nota afirmando que os "Estados Unidos continuam liderando a resposta global à covid-19", com menção a bilhões de dólares cedidos por Washington à assistência humanitária e ao financiamento de pesquisas científicas em outros países, além de parcerias com o setor privado para fornecimento de ventiladores mecânicos fora do território americano. Como seria um 'término' com a OMS? Mestre e doutora em direito internacional pela Universidade de São Paulo (USP), Elaini Silva destaca que é preciso cautela ao encarar o anúncio de Trump, já que "romper com a OMS" não é simples e, tecnicamente, não existe ao menos não nos termos apresentados por Trump.

"Existe uma linguagem formal e técnica para diferentes tipos de comportamento (na diplomacia), e abpi.empauta.com

em geral falamos 'cortar relações' para vínculos diplomáticos como entre dois países. Mas não existe vínculo diplomático com organizações internacionais", explica, acrescentando que fóruns internacionais como a OMS, a OMC e a própria ONU foram projetos patrocinados pelos EUA em sua política externa no século passado. "Usar esses termos pode ser um sinal de que ele não consultou o assessoramento jurídico da própria Casa Branca antes de fazer a declaração de hoje, que tinha inclusive o objetivo de tratar de outro tema. Então, há a possibilidade de uso político e de que o anúncio tenha sido feito com alguma espontaneidade." Silva, professora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), explica que a relação entre um país e uma organização internacional se dá com a ratificação de um tratado internacional no caso da OMS, o tratado de sua constituição, assinado pelos EUA em 1946.

E, para sair, é preciso que o país "denuncie" este tratado. Mas vincular-se a um tratado tem duas facetas, de dentro para fora e de fora para dentro não só a em relação à organização internacional, mas também ao ordenamento interno do próprio país. Por exemplo, a ratificação da constituição da OMS pelos EUA precisou passar pelo Congresso americano. E se precisou passar pelo Legislativo para aderir à OMS, precisaria dele também para "denunciar" e sair do tratado. "O presidente, em um país democrático como os EUA, não pode tudo e qualquer coisa, mesmo nas relações exteriores por exemplo, lá, até acordos comerciais precisam de aval do Congresso." "Nos últimos três anos, isto está muito em debate nos EUA, desde que o Trump começou a denunciar tratados internacionais em especial de controle de armas. É uma discussão institucional, e o caso da OMS seria só mais um. A tendência é pelo entendimento de que o procedimento para sair é igual o da entrada." "Então se precisou da autorização prévia do Congresso antes de ser membro (de um tratado internacional), ele vai precisar da autorização do Congresso também para sair." Elaini Silva destaca ainda que, além do tratado de constituição de uma organização internacional, há ainda tratados independentes gestados nas reuniões

Continuação: O dito e o não dito no anúncio de Trump de 'rompimento' entre EUA e OMS

de seus membros como a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco.

E estes precisariam de "denúncias" uma de cada vez para efetivar o "rompimento".

Qual pode ser o impacto do pronunciamento na relação entre os países? Em comentário enviado à BBC News Brasil por email, Michael Cornfield, professor de ciência política da George Washington University, relativizou os efeitos práticos do anúncio de Trump na relação entre China e EUA, tendo a OMS como alvo. "O presidente Trump fez toda uma argumentação contra o governo chinês em sua fala hoje, mas há pouco que ele pode fazer em termos de ações decisivas. A relação dos EUA com a China é multidimensional e tem um alcance épico." "É aí que a OMS entra em cena. Apontá-la como cúmplice da China traz pouco risco para os interesses dos EUA, mas parece algo contundente para alguns no campo (de apoio) de Trump." "No entanto, é uma ação que não salva vidas, não recupera empregos e não faz nada para afetar a China." Também escrevendo à BBC News Brasil, Thomas Whalen, cientista político da Universidade de Boston, avaliou que a OMS se tornou "um alvo conveniente e irresistível" para Trump. "O presidente Trump é o mestre da distração política. A retirada dos EUA da OMS é uma tentativa desesperada de afastar (a atenção da) sua gestão imperdoável e inepta da pandemia." "O anúncio também alimenta sua fervorosa base republicana nacionalista e branca, que é contra qualquer coisa que remonte ao internacionalismo, que dizem se tratar de uma conspiração 'globalista' para minar a liderança dos EUA no exterior", escreveu Whalen, destacando também que o fogo aberto contra a OMS desvia a atenção da

atual perturbação em Minneapolis após a morte de um homem negro por um policial e da conexão disso com falas e atos anteriores de Trump acusados de racismo. Ian Bremmer, cientista político e presidente da consultoria Eurasia, escreveu no Twitter que "a saída dos EUA da OMS não vai quebrá-la ou criar uma alternativa no cenário internacional". "A China terá mais influência sobre ela (a OMS), enquanto o mundo briga para criar uma vacina.

Um exemplo do porquê líderes chineses estão com a esperança de que Trump seja reeleito, e não Biden (Joe Biden, candidato à Presidência americana pelos democratas). "Críticas à China Em sua fala desta sexta-feira, Trump acusou também a China de esvaziar as indústrias e empregos nos Estados Unidos através de práticas desleais, como "roubando" propriedade intelectual e descumprindo normas da Organização Mundial do Comércio (OMC). No pronunciamento, o americano anunciou também que descontinuará o tratamento preferencial dado pelos EUA a Hong Kong no comércio e na circulação de viajantes. O território asiático, antes uma colônia britânica, tem status especial em sua vinculação ao governo chinês com liberdades não vistas na área sob domínio direto de Pequim, por exemplo. A China introduziu recentemente uma nova lei de segurança sobre Hong Kong que para muitos representa o fim deste status único do território em relação a Pequim, que vem impondo sua autoridade de forma mais incisiva ali após manifestações críticas ao regime chinês.

Clique para assinar o canal da BBC News Brasil no YouTube Já assistiu aos nossos novos vídeos no YouTube? Inscreva-se no nosso canal!

Índice remissivo de assuntos

Patentes

3

Propriedade Intelectual

4, 6